**Belito Vasco Francisco[[1]](#footnote-2)**

Departamento de Ciências Sociais

UP- Quelimane

2011

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

# A importância da ética na actividade do docente de Filosofia

**Introdução**

O presente ensaio com título *“A importância da ética na actividade do docente de Filosofia”* é uma pesquisa que busca informações úteis relacionadas com a actividade do docente de Filosofia especificamente, dado que o autor é mestrando nesta área de saber.

Sabemos que a actividade do docente é transmitir conhecimentos, ensinar (a socializar-se com…, apreender algo, saber fazer) mas, acima disso é educar e partilhar conhecimento, crenças/saberes e valores. Percebe-se também que existe dois tipos de educação: informal e formal. O que pretendo analisar neste ensaio, está ligado a educação formal, na qual ocorre numa instituição chamada escola onde existe programa, regulamento, direcção, docente, alunos, pessoal de apoio.

Com esta reflexão, pretendo analisar sobretudo a questão ética da actividade do docente, procurando esclarecer o contexto da ética, fazer ponte com as competências da prática docente e reflectir os problemas do quotidiano do docente de Filosofia, assim como tem solucionado os seus problemas da prática docente.

Olhando para todo este um conjunto de acções, surge a questão ligada a actividade do docente que parece fácil, mas complexa no seu dia-a-dia sem que tenha a ética.O que será a ética para prática docente? O que ensinar em Filosofia? Que competências o docente deve possuir na prática destas actividades? Que problemas o docente de Filosofia enfrenta no seu dia-a-dia? Como o docente tem resolvido ou solucionado os problemas da sua actividade prática?

A escolha deste tema está relacionado a nossa actividade como docente e que, muitas das vezes, agimos sem elementos éticos a observar aquando da prática das nossas actividades que de algum modo é a ético. Exemplos, quando o docente dá 30 exercícios a um estudante e ele resolve uma parte e no dia seguinte o docente pede que o aluno apresente todos exercícios e ele diz que não os resolveu todos, o docente manda embora para casa este aluno. Um outro exemplo, quando docente dá ao estudante para resumir a obra Crítica da Razão Pura de Kant para dois dias, a saber que este mesmo, tem outras cadeiras a estudar, mas não lhe concede tempo suficiente. Mas um outro exemplo, o docente marcou a data para avaliação chegado o dia o/a estudante tem o filho doente e que tem por obrigação levá-lo ao hospital, no entanto ele comunica ao docente. Mas que no dia seguinte pede para ser avaliado o docente diz não irá fazer porque o dia já passou e portanto, fica para ano seguinte. Portanto, são estas e outras situações que deparamos com o docente chegando mesmo a reflectir como que existem muitas faltas cometidas se calhar ligadas a ética.

É através deste contexto que coloco a questão seguinte: **será possível exercer a tamanha tarefa (didáctica) apreciável do docente, sem o sustento da ética**?

A ética sendo reflexão da vida feliz, compreender-se também como a disposição filosófica que se ocupa da complexa dimensão da vida humana que é a moralidade. Pode-se afirmar também que é um conjunto de regras absolutas na visão Kantiana.

Ao fazer abordagem deste tema, importa referenciar que a ética possui princípios que a norteia de tipo: *fazer o bem e evitar o mal*, que a partir destes, temos uma orientação clara no decurso da nossa actividade didáctica olhando aos exemplos apresentados.

**O que será a ética para prática docente?**

Para a prática do docente, a ética é princípio pelo qual ele deve seguir e guiar-se para o desempenho da sua actividade diária. A ética apropriando-se de regras ou princípios, importa considerar os deveres que são imperativos a observar durante a nossa actividade, embora muita coisa nos corra na prática docente.

De acordo com Rios (2010:107), na explicação da sua tese afirma que “*o trabalho docente competente é um trabalho que faz bem. É aquele em que o docente mobiliza todas as dimensões de sua acção com o objectivo de proporcionar algo bom para si mesmo, para os alunos e para a sociedade*.”

De facto importa mobilizar todos recursos possíveis ao seu dispor, de forma a cruzar e criticar conscientemente as matérias em causa de acordo com o contexto social concreto do trabalho.

Nesta perspectiva, é importante a contribuição que Valdimiro Guzzo (2011:44) apresenta até certo ponto, quando olha na dimensão ética, afirmando que: “*A* *clareza a respeito da natureza ética e política da educação poderá possibilitar auxílio a si e aos seus alunos, na medida em fará compreender que esses componentes fazem parte de maneira indissociável a sua formação*”. Mas também, por se tratar de princípios pelos quais o docente deve possuir e assumir em todos os dias na sua actividade, implica compreender o ambiente da instituição onde exerce suas actividades, criando análises críticas de forma que as acções deste mesmo, circunscrevam para a tarefa de construção da cidadania para todos (alunos e professores).

Portanto, com esta observação fazendo uma relação com a posição de Terezinha Rios, no concernente a dimensão ética, ela chama a esta como *fundante* da competência, porque a técnica, a estética e a política ganharão seu significado pleno quando, além de se apropriarem em fundamentos próprios de sua natureza, se guiarem por princípios éticos. Assim, vale reafirmar que, para um professor competente, não basta dominar bem os conceitos de sua área – é preciso pensar criticamente no valor efectivo desses conceitos para a inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta ser criativo – é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar colectivo. (cf.Rios, 2010:108)

**O que ensinar em Filosofia?**

É muito comum encontrarmos nos debates sobre o ensino da filosofia discussões largas em torno de se saber se ensinamos a filosofia, como produto do pensamento sistematizado ao longo dos tempos, ou o filosofar, que significa, processo do pensamento filosófico.

Este pensamento vem de muito longe desde Kant, que na “Crítica da Razão Pura” propõe que uma coisa é o processo da filosofia, o filosofar, e outra, bem diferente, o seu produto. Na verdade, em sentido kantiano, a filosofia não pode ser ensinada, porque ela, enquanto ideia de uma ciência possível, sempre é inacabada, desta forma não pode ser aprendida nem apreendida. Portanto, podemos aprender a história daquilo que foi o passado, mas isto, não é aprender filosofia. Aprender filosofia na nossa óptica seria “o exercício do talento da razão” usando palavras. O estudo da história da filosofia pode nos dar uma dimensão daquilo que os filósofos produziram, não dá a dimensão do processo da filosofia. Por outro lado, podemos aprender o processo do filosofar, podemos aprender a exercitar a razão e pensar automaticamente. (cf. Aspis & Gallo, 2009:58-59).

Com base neste pensamento, encontramos os grandes desafios do docente na sua actividade que de alguma maneira pode-se apresentar em três perspectivas a saber: a) O primeiro desafio é tomar a filosofia – assim, como a ciência e a arte – como uma luta contra a opinião. Porque, segundo Aspis & Gallo, nossas aulas de filosofia, devem ser visitas ao mundo dos mortos, devem ser exercícios de mergulho no caos, para dele trazer novas potencialidades. Devem ser, enfim, um exercício da recusa da opinião. b) O segundo desafio é o de diálogo da filosofia com outros saberes, diálogo esse que também precisa ser produtivo. E que este diálogo deva dar-se através da transversalidade. c) O terceiro desafio é que a questão do ensino de filosofia precisa ser tratada filosoficamente. Devendo o professor aprender a trabalhar com conceitos e ser aprendiz e artesão no ofício filosófico. (Idem, pp. 62-64).

De facto, importa também frisar que quando agente ensina, ensina a relacionar-se com outras coisas, valores e atitudes. Daí que a prática docentena escola deve de certa forma obedecer todos estes elementos que fazem ou constituem uma base sólida da sua actividade.

Quando a prática docente só se circunscreve na transmissão ou mediação de conhecimentos científicos será deficiente, que significa não possuir ou conter outros elementos como valores e atitudes. Bem como fizemos referência acima no concernente a dimensão ética, tratada por Terezinha Rios.

Na verdade, para ensinar Filosofia é necessário um contexto histórico, na qual se enquadra a cultura, a sociedade.

Importa enaltecer que nos conteúdos a serem leccionados em filosofia, há que trazer mudanças no aprendiz na medida em que o ensino de filosofia vem a ser um espaço onde se faz e fornece-se aos alunos instrumentos ou métodos do aprender a pensar e escrever. Bem como um lugar de ajuda aos alunos a terem o espírito argumentativo lógico e organizado, assim como, bem fundamentado para o auxílio de qualquer área de saber. O ensino de filosofia como instrumento de doutrinação política e ideológica, importa perceber que com base nisto os alunos são alienados politicamente para tal, a filosofia tem o papel de liberta-los dessa alienação. O ensino de filosofia como instrumento da doutrina moral, também a filosofia tem o papel de ajudar os alunos a comportarem-se moralmente.

**Que competências o docente deve possuir na prática destas actividades?**

Competências são as capacidades legais que nos dispomos para realizar qualquer que seja actividade com zelo. Para Perrenoud citado por Rios (2010:77), a competência implica, também, uma capacidade de actualização dos saberes.

Competência também pode ser definida como *uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade de propriedades*, um conjunto de qualidades de carácter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos do colectivo de uma sociedade. (Rios, 2010:93).

De acordo com mesma autora “*competência é sempre situada – o ofício do professor se dá dentro de um sistema de educação formal, numa determinada instituição escolar, num colectivo de profissionais que fazem a escola, numa sociedade específica”.*(Idem, 2010:107). Daí a nossa proposta de trazer para este a dimensão ética.

O que se entende com esta perspectiva da dimensão ética, é de ela ser a base ou alicerce de toda orientação da acção do docente no concernente a respeito, responsabilidade e tolerância na administração das suas actividades quotidianas para o bem comum.

Saberes como elementos constitutivos da prática docente ou da prática e competência do docente, segundo Tardif (2002:36-39) define saber docente como saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais como pode observar:

* **Saberes Profissionais** são saberes que somos transmitidos através das instituições de formação de professores. Estes saberes pedagógicos apresentam-se como doutrinas ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa no sentido amplo do termo, bem como reflexões racionais e normativas que conduzem a sistemas mais ou menos coerentes de apresentação e de orientação da actividade educativa.
* **Saberes Disciplinares** são aqueles saberes que correspondem aos diversos campos do conhecimento, aos saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob forma de disciplinas, no interior de faculdade e de cursos diferentes.
* **Saberes Curriculares** são saberes que correspondem aos discursos, objectivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e seleccionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se como concretamente sob forma de programas escolares que os professores devem aprender a aplicar.
* **Saberes Experienciais**, são saberes que os professores ganham no exercício das suas actividades no dia-a-dia. Eles incorporam-se à experiência individual e colectiva sob a forma de hábitos e de habilidades, de saber fazer e de saber ser. Portanto, o professor é chamado a um desafio enorme e que ele deve conhecer suas matérias, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos as ciências e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência quotidiana com os alunos.

Portanto, os saberes acima tratados tem grande importância para o docente, visto que, constitui base sólida e segura para a execução das suas actividades com zelo e ética.

**Que problemas o docente de Filosofia enfrenta no seu dia-a-dia?**

No dia-a-dia o docente de filosofia, enfrenta muitos problemas relacionados com a sua actividade, a partir da preparação das suas aulas em casa ou na faculdade, quando depara-se com exiguidade de fontes, isto vai limitar a sua preparação. Alguns dos colegas tem recorrido a internet, mas também percebemos que nem sempre temos informações fiáveis a isto, caso encontre livros dos autores que queira tratar. Aliado a isso, nem sempre nas nossas faculdades temos tido acessibilidade deste meio, razão pela qual os docentes pouco frequentam na instituição para preparar suas aulas.

As preocupações ligadas as fontes estendem-se aos alunos que também pretendem fazer trabalhos de pesquisa como forma de treinamento ou prática na área de pesquisa e para sua vida fora, de saber fazer algo com coerência lógica e sustentável com base nas fontes.

Um outro problema está ligado a turmas numerosas ou superlotação das salas de aulas, quer nos cursos regulares quer nos cursos pós-laborais.

Por último, salientar que nas nossas faculdades ainda há falta de salas apropriadas de tipo oficinas de filosofia, onde o aluno nesta sala ao entrar encontra um mural de filósofos, escolas filosóficas, mapas, ideias chaves dos filósofos no tempo e outros materiais apropriados para prossecução das aulas.

**Como o docente tem resolvido ou solucionado os problemas da sua actividade prática?**

Como sabemos que a actividade do docente é sempre um desafio, de facto, ele tem proporcionado formas ou estratégias possíveis de forma a dar solução destes problemas que constituem grandes impasses na sua actividade. Portanto, como formas ou estratégias vamos cingir as experiências vividas por nós, que tem sido de dar por emprestado as copias dos poucos manuais e livros que temos, preparar textos de apoio, indicar onde o aluno pode encontrar o livro noutras Universidades da cidade, imprimir alguns artigos extraídos nos sites da internet. Esta última necessidade veio obrigar implícita ou explicitamente ao docente ter seu net-móvel como alternativa segura, visto que, a net da instituição nem sempre está acessível.

Contudo, é desta forma que o docente nas nossas faculdades tem procurado solucionar os problemas do seu trabalho de dia-a-dia.

**Conclusão**

Como conclusãodesta pesquisa, olhando para os problemas que o docente enfrenta na sua actividade diária, importa referir quão é a importância de exercer qualquer actividade com ética e sobretudo na área de docência. No nosso entender, só trabalha nesta, quem de facto compreende que essa área ligada a dimensão ética moral é base para a harmonia dentro e fará da escola.

A ética apropriando-se de regras ou princípios, importa considerar os deveres que são imperativos a observar durante a nossa actividade como docente. Portanto, o docente pode ultrapassar seus problemas (neste caso da nossa pesquisa), na medida em que vai compreendendo esta dimensão como valiosa através de princípios éticos como os de “fazer o bem e evitar o mal”.

Ensinar é enfrentar um desafio enorme: de partilhar os valores, a cultura, os saberes; é buscar a verdade e a justiça; é estar insatisfeito com as explicações que encontramos nas nossas pesquisas. Daí que, somos chamados a competência. E com esta, importa frisar que o docente deve estar ciente das várias dimensões: técnica, estética, política, ética e moral para a construção do seu ofício privilegiado.

No entanto, podemos compreender que a perspectiva da dimensão ética, é a base ou alicerce de toda orientação da acção do docente no concernente a respeito, responsabilidade e tolerância na administração das suas actividades quotidianas para o bem comum.

**Bibliografia**

ASPIS, Renata Lima & GALLO, Sílvio. *Ensinar Filosofia: um livro para professores*. São Paulo: Atta Midia e Educação, 2009.

KOHAN, Walter Omar & GALLO, Sílvio (org.) *A filosofia e seu ensino*. CADERNOS CEDES 64. São Paulo, Campinas, 2004.

RIOS, Terezinha Azerêdo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. 8ª ed., São Paulo, Cortez, 2010.

SEVERINO, F. E. Santos (org.). *Ética e formação de Professores: política, responsabilidade e autoridade em questão*. São Paulo, Cortez, 2011.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

1. Licenciado em História e Filosofia pela Universidade Pedagógica (Beira) em Moçambique, docente de Filosofia da História, Hermenêutica e Introdução à Filosofia na UP- Delegação de Quelimane. É mestrando em Educação/Ensino de Filosofia pela Universidade Pedagógica (Maputo) 2011/2012. [↑](#footnote-ref-2)